

Economia - Brasil Um seminário brasileiro nos EUA

Herbert Levy *

R evestiu-se de importância singular o II Congresso Pan-American de Administração (Copanad), organizado pelo Conselho Regional de Administração do Estado de Minas Gerais, no centro de Convenções de Orlando, Flórida, de 24 a 26 de novembro.

Raras vezes em minha longa experiência na vida pública e privada encontrei alguém com as qualidades de liderança do seu principal organizador e responsável, o prof. Francisco Pereira da Silva, presidente do órgão em Minas Gerais.

O prof. Pereira da Silva, abrindo no domingo à noite, dia 24, esse seminário, fez importante peroração e exaltou o êxito sem precedentes da iniciativa. Mereci, e a Gazeta Mercantil, a única menção nominal, numa demonstração de especial apreço que muito me sensibilizou.

Atestando o extraordinário êxito do acontecimento, foram à cidade de Orlando 1.300 participantes, na sua quase totalidade brasileiros, mas também representantes de outros países.

Convidado para participar e falar, aceitei, porque achei que seria um fórum

adequado para uma crítica necessária à ação do Fundo Monetário Internacional nos países em desenvolvimento.

Comecei lembrando que, em junho de 1992, a Gazeta Mercantil foi contatada pelo representante brasileiro no FMI para promover encontros do seu diretor-gerente, Michel Camdessus, com as lideranças empresariais e sindicais de trabalhadores, bem como destacados eco-

Faz tempo, em São Paulo, condenei a política deflacionária do FMI

nomistas e ex-ministros, em São Paulo, e com as lideranças empresariais no Rio de Janeiro, onde o diretor do FMI iria participar do grande conclave ECO-92.

Coube-me presidir os eventos em São Paulo e, com minha habitual franqueza, condenei a ação deflacionária do FMI nos países em desenvolvimento, a mesma aplicada nos países desenvolvidos. Para começo de conversa, nestes o seguro-desemprego funcionava e naqueles não existia na prática. Apontei os resultados dessa orientação aplicada de 1980 a 1984, na presidência do general João Baptista Figueiredo, que pouco entendia do assunto, mas com a responsabilidade efetiva do seu ministro da Fazenda, Antonio Delfim Netto. Nesse período, e graças a essa política, pela primeira vez tivemos

4.500.000 desempregados (dados do Ministério do Trabalho), a explosão das favelas e a proletarização da classe média.

O sr. Michel Camdessus mostrou-se com-

preensivo, parecendo termos atingido o objetivo de maior flexibilização nos países em desenvolvimento. Infelizmente, porém, a equipe econômica do presidente Fernando Henrique Cardoso havia simplesmente repetido a dose do que ocorreu de 1980 a 1984, com efeitos devastadores para a economia brasileira.

I - Os juros mais altos do mundo arrasaram com a economia de dezenas de milhares de empresas, entre as quais algumas tradicionais, como a Mesbla e a Usina Santa Lydia, esta do privilegiado setor sucroalcooleiro. Seus advogados publicaram declarações assinadas dizendo que seu cliente não havia suportado juros superiores a 100% ao ano em seus débitos bancários!

Essa inaceitável situação tornou o Brasil o campeão mundial dos juros altos. Inevitavelmente a insolvência ganhou proporções sem precedentes e a principal consequência foi uma crise ban-



GAZETA MERCANTIL

cária de grandes proporções, atingindo grandes bancos e obrigando a fusões e a liquidações de centenas de outros.

II - Déficits sem precedentes nos orçamentos

da União, estados e grande número de municípios, isso quando a União pleiteia uma reforma constitucional que lhe devolva os cerca de 30% de receitas que perdeu para os estados sem que fossem transferidos para estes os respectivos encargos. A constatação feita é de que os gastos com pessoal cresceram desregradamente, apondo para uma irresponsabilidade inaceitável.

III - A valorização cambial do real obrigou grandes e respeitadas empresas, como Villares e Bardella, a encerrar a produção de equipamento pesado por não aguentar a concorrência do produto importado que essa política efetivamente subsidia. Pela primeira vez, os grandes saldos que sempre tivemos na balança comercial, de US\$ 10 bilhões a mais de US\$ 20 bilhões por ano, transformaram-se em déficits.

Assim, não temos mais de onde tirar os recursos para pagamento de juros e

amortizações do capital estrangeiro e juros e amortizações da dívida externa do governo.

Nada define melhor a perda de mercados, mesmo privilegiados, do que o exemplo do café solúvel. Sempre fomos os grandes exportadores para os mercados consumidores, mas agora perdemos esses mercados para a Colômbia, Venezuela, Equador e outros produtores latino-americanos.

IV - Apesar disso, temos as maiores reservas cambiais da história. Como? Graças aos juros mais altos do mundo, que atraíram o capital especulativo de curto prazo, o famoso dinheiro quente. E é a necessidade de manter aqui esse dinheiro indesejável que impede a volta dos juros ao nível normal máximo de 12% a.a. e que a limitação constitucional estabelece. Que país é este?

E, quando esse dinheiro quente tiver que ser repatriado, vai engordado por ganhos absurdos e insuportáveis, que nos podem criar uma crise cambial pior do que a do México.

V - O crescimento da dívida interna fundada da União e de muitos estados adquiriu proporções insuportáveis. A da União chegou a triplicar em pouco mais de um ano.

VI - Finalmente, o desemprego e suas ruinosas proporções. A economia rural foi a mais atingida. Em consequência, tivemos, em 1995, 1 milhão de desempregados na área rural. Como são trabalhadores que não sabem fazer outra coisa, foram engrossar as fileiras dos sem-terra, estimulando invasões ilegais de propriedades improdutivas, mas também das produtivas. A

União está procurando minorar a crise com a ampliação de créditos a juros menos elevados para financiamento de plantio e de colheita.

Esse é o quadro realístico que sou obrigado a pintar. São essas as considerações realísticas que tenho pintado em meus editoriais nos últimos dois anos na Gazeta Mercantil e que motivaram o honroso convite que recebi para participar desse seminário nos Estados Unidos.

Minha exposição teve calorosa acolhida e, fato sem precedentes, os dois ilustres debatedores, que deveriam levantar pontos eventualmente duvidosos da minha exposição, usaram da palavra para um apoio caloroso aos pontos de vista expostos, segundo eles, com objetividade e lucidez. ■

* Presidente do conselho de administração da Gazeta Mercantil.